

Variações Sôbre Bach



*A história de Johann Sebastian Bach,
cuja música encantadora conquista mais adeptos
apaixonados a cada geração que passa*

Condensado de TIME

NA ALEMANHA do século XVIII, Johann Sebastian Bach era famoso em todo o país como organista virtuoso. Como compositor, entretanto, êle despertava um interêsse mais condescendente — dizem que mesmo o filho, Carl Philipp Emanuel, um dos quatro filhos de Bach que se distinguiram como compositores, referia-se a êle como “o Velho Chinó”. Hoje, naturalmente, Bach é universalmente colocado entre os criadores extraordinários da ci-

RETRATO REPRODUZIDO DE THE BETTMANN ARCHIVE

vilização ocidental. Corais que êle compôs para colegiais turbulentos cantarem em pobres igrejas de províncias são apreciados pelos melhores coros do mundo. Exercícios de piano que rabiscou para os seus filhos e alunos ainda seduzem e desafiam grandes virtuosos. Peças instrumentais que compôs para agradar principetes obscuros são incluídas entre as glórias da música de câmara.

A grandeza de Bach é reconhecida há mais de um século. Mas provavelmente nenhuma era anterior apreciou melhor a verdadeira natureza de seus dotes. Em 1949 havia uns 15 álbuns de Bach no mercado; hoje há mais de 1.000, inclusive 15 versões rivais dos Concertos de Brandemburgo e 13 interpretações da Missa em Si Menor. A pianista Rosalyn Tureck, fundadora da Sociedade Bach, diz: "O grande fogo sob tudo isto é o significado direto que Bach tem para nós como pessoas contemporâneas. Êle é um fenômeno do *nosso* tempo."

De fato, se existe alguma coisa surpreendente no nôvo público de Bach, é a sua juventude. "Estudantes esperam em filas durante horas para conseguirem um lugar em pé num recital de Bach", diz maravilhado o organista Helmut Walcha. As lojas de discos mostram um acentuado aumento no número de adolescentes que se aglomeram junto dos balcões de música clássica comprando Bach algumas vezes mesmo antes de olharem o nôvo álbum dos Beatles.

O Ritmo de Bach. O que atrai

os jovens para Bach é o que os atrai para quase qualquer outra música: o ritmo. Artistas do passado algumas vezes julgaram a música de Bach como uma monótona jiga—"uma sublime máquina de costura", chamou-a a romancista francesa Colette—mas os jovens sabem melhor. "Há uma ponte entre as idéias de ritmo de Bach e as de meados do século XX", diz o pianista Glenn Gould, "e foi criada pela música popular e pelo jazz. Os Swingle Singers, um grupo de oito componentes com base em Paris, dirigido pelo americano Ward Swingle, popularizaram partituras de Bach cantando seus temas com acompanhamento de uma seção rítmica de jazz. Quanto ao próprio jazz, sua linha de baixos linear, suas melodias contrapontísticas e improvisação livre, tudo sugere paralelos com Bach—paralelos que têm sido explorados notavelmente por executantes como os do Modern Jazz Quartet.

Qualquer que seja o derivado de Bach que cativa inicialmente os jovens ouvintes, a maioria dêles acaba-se voltando para o que é realmente importante. E, por estranho que pareça, nesta época de distúrbios e revolução, é à solidez granítica de Bach tanto quanto ao seu espírito estimulante que a gente jovem parece responder. É como se êle proporcionasse uma firme base de baixos para o estilo de vida improvisado dêles.

"Perspectiva Para o Universo". Têcnicamente Bach foi provavelmente o compositor mais completo

da história da música. Seu domínio de recursos contrapontísticos como fugas e cânones, seu manejo de formas especiais como o concêrto e a *aria da capo*, seu senso fantástico da conexão íntima de qualquer estrutura grande, tudo brota daquele reino impalpável onde a ciência pura se funde com a estética. "Se um ouvinte faz alguma coisa bem — uma boa cadeira ou uma bonita peça de equipamento mecânico — reconhece a mesma integridade em Bach", diz o regente Robert Shaw.

É isso que torna a música de Bach um inexaurível desafio e um prazer para os executantes. O violoncelista Pablo Casals, com 93 anos, ainda começa cada dia tocando no piano prelúdios e fugas do *Cravo Bem Temperado*. Diz êle: "Resta sempre alguma coisa para descobrir nêle." "Em última análise", acrescenta Helmut Walcha, "Bach abre uma perspectiva para o universo. Depois de descobri-lo, as pessoas sentem que, afinal de contas, a vida tem uma significação".

Bach, entretanto, nunca pensou em nada disso, considerando-se um artesão a trabalhar com música como um carpinteiro trabalha com madeira. "Eu fui obrigado a ser laborioso", dizia êle. "Quem quer que seja igualmente laborioso será igualmente bem sucedido."

Trovão na Igreja. Bach nasceu em 1685, em Eisenach, uma cidade na orla da Floresta da Turíngia que ainda é dominada por Wartburg, o castelo medieval onde Lutero tra-

duziu o Nôvo Testamento para o alemão, na década de 1520. O jovem Sebastian estudou com seu pai violinista até que ficou órfão aos nove anos e então continuou com um irmão mais velho que era organista. Depois de um sólido curso secundário — os clássicos e teologia e alguma experiência como menino de còro, aos 18 anos iniciou uma carreira de músico assalariado.

A década seguinte formou os padrões que deveriam regular tôda a sua vida. Em vários postos turíngios êle diversas vêzes se envolveu em questões com seus chefes civis e clericais que o seu mau gênio e a sua teimosia não contribuía em nada para apaziguar. Mereceu pouca ou nenhuma atenção por suas composições e teve de ouvir queixas de que sua execução no órgão confundia a congregação com "variações surpreendentes e ornamentos inúteis". Mas Bach persistiu no estudo dos melhores compositores europeus, especialmente italianos como Vivaldi e Corelli, a quem dava valor por sua clareza e economia de composição. Em 1707 casou-se com sua prima Maria Bárbara Bach, a primeira de suas duas espôsas, e em 1708 nasceu o primeiro de seus 20 filhos (dos quais 10 morreram na infância).

Aos 23 anos Bach entrou para a còrte do Duque Wilhelm Ernst de Weimar como violinista e organista. Ali êle brilhou durante nove anos como virtuoso de órgão e compôs suas primeiras grandes obras para êsse instrumento: *Tocata e Fuga em*

Ré Menor, Passacaglia em Dó Menor.

À proporção que sua fama se espalhava pela Alemanha, cidades e igrejas o convidavam a experimentar órgãos novos, sempre uma ocasião para beber vinho, jantar e exhibições musicais. O primeiro organista da França, Louis Marchand, uma vez deixou Dresde apressadamente para não ter de atender a um desafio para um duelo musical com Bach. Quando Bach tocava, informa uma testemunha, seus pés voavam sobre os pedais como se tivessem asas, e sons poderosos reboavam como trovões pela igreja. Bach descrevia sua própria técnica com tanta humildade que pode ter sido realmente ironia: "Basta ferir as notas certas na hora certa, e o instrumento toca sozinho."

Preterido para o cargo de maestro da corte em Weimar, Bach conseguiu posição semelhante com o Príncipe Leopold de Anhalt-Cöthen. Sua deserção contrariou tanto o Duque Wilhelm que Bach foi prêsso na cadeia de Weimar por um mês. Quando chegou a Cöthen, Bach dedicou cinco anos plácidos e produtivos a soberbas peças para cravo e música de câmara, inclusive as *Suítas Francesas* para cravos, música sem acompanhamento para violoncelo e violino e os seis *Concertos de Brandemburgo*.

Sua sorte declinou em Cöthen depois que o Príncipe Leopold se casou com uma mulher que não apreciava música. Num êrro de cálculo monumental, Bach aceitou o pôsto de mestre de cõro da Escola São Tomás

em Leipzig. O salário e a posição social eram mais baixos, as condições de vida mais miseráveis e os encargos mais pesados. Além de ser responsável pela música em duas igrejas de Leipzig, Bach tinha tarefas menores em duas outras, ensinando latim e funcionando como inspetor de meninos de cõro. Suas obrigações de família estavam também aumentando. Depois da morte de Bárbara, êle se casara com uma cantora profissional chamada Anna Magdalena Wülken, em 1721; ela se tornou a madrasta de seus quatro filhos sobreviventes e iria dar-lhe mais 13.

Professor e Técnico. De algum modo, nos 15 anos que se seguiram, êle conseguiu compor missas, paixões, oratórios e grande parte das 295 cantatas que se acredita que escreveu (das quais restam 217). Mas os ouvintes de Bach permaneciam indiferentes. Na primeira execução da *Paixão Segundo São Mateus*, um comentador exclamou consternado: "Deus nos ajude! Parece uma ópera!"

Em sua idade mais avançada, Bach foi abandonando gradativamente a música sacra e criando um idioma secular ainda mais austero e aventuroso, aparentemente para sua própria satisfação. Êle sempre havia sido professor, primeiro de seus filhos e depois de alunos pagantes. Foi um dos primeiros professõres de teclado a introduzir o uso do polegar e a defender a técnica de tocar com os dedos curvos. Dizia a seus alunos de composição que as linhas contrapontísticas deviam ser como pessoas con-

versando: cada uma falando gramaticalmente, completando suas sentenças e ficando caladas quando não tivessem nada a acrescentar. Nas composições que fez nas casas dos 50 e 60 anos, Bach reuniu a habilidade acumulada durante toda a vida: as *Variações de Goldberg*, para cravo; os *Prelúdios do Catecismo*, para órgão; *A Arte de Fuga*, inacabada.

Um único triunfo mundano coroou a velhice de Bach. Frederico o Grande, da Prússia, talentoso músico amador, convidou-o para ir a sua corte de Potsdam. Quando chegou, o rei mandou buscá-lo imediatamente, exclamando: "O velho Bach está aqui!" Bach passou a noite com o rei e sua corte e encantou Frederico improvisando uma fuga sobre um dos temas do rei.

Depois de voltar para casa, Bach escreveu um extenso ciclo de música de câmara sobre o mesmo tema e enviou-o a Frederico. Pouco depois, seus olhos cansados e sua constituição vigorosa começaram a falhar. Duas operações nos olhos enfraqueceram-no ainda mais. Finalmente, com 65 anos, de cama, quase totalmente cego e moribundo, ele ditou sua última composição: o coral *Diante do Teu Trono, ó Senhor*.

Mistério Eterno. Depois de sua morte foi chorado como exímio organista e professor, mas durante 70 anos sua reputação como compositor foi mantida viva apenas por uns poucos entusiastas e compositores, notadamente Mozart e Beethoven. O

início do conceito moderno ocorreu nos primeiros anos de 1900 com, entre outras publicações, o estudo de Albert Schweitzer, *J. S. Bach*. Depois, a clavecinista Wanda Landowska, Pablo Casals e o violonista Andrés Segovia uniram-se numa verdadeira cruzada para dar à música de Bach maior autenticidade e um auditório mais amplo.

"Nós estamos mais perto do verdadeiro Bach hoje do que em qualquer outra época desde sua morte", diz o musicólogo Friedrich Smend. Ele talvez esteja certo, mas tudo depende de quem ele considera "nós". Os puristas da volta a Bach têm louvavelmente pôsto em relêvo coros e orquestras menores, ritmo vivaz e tessituras lineares limpas. Às vezes os puristas têm ido longe demais. Um incidente famoso nos círculos musicais diz respeito a um ornamento que um eminente clavecinista vinha tocando: verificou-se que era um borrão na partitura.

De qualquer forma, o mistério eterno é que um artista que pareceu tão antiquado a seus contemporâneos pareça tão avançado a seus sucessores. Tem sido dito que a história da filosofia consiste numa série de notas de pé de página a Platão. Pode-se argumentar também que a história da música tem consistido numa série de variações sobre Bach. Sem o saber, ele dividiu a história da música em dois períodos básicos: pré-Bach e pós-Bach. E na era pós-Bach ele é uma presença perpétua.

